

FAMÍLIA OU FAMÍLIAS?...

Quem de nós não ouve ou não faz, frequentemente, referências ao termo família? Seu emprego parpassa os mais diversos momentos e contextos, indo desde a simples saudação de dois compadres na rua até os institutos de pesquisa sócio-econômica, além de ser prato cheio para muitos sermões dominicais. Entretanto, entre a simples utilização da palavra e a compreensão que se possa ter da mesma, nem sempre o caminho é curto.

O que é então família? Mas qual família? Existe um padrão de família brasileira? Enquanto alguns podem assim interrogar-se, outros não exitam em afirmar que se trata de uma instituição em decadência, ou, para fazer jus a um lugar comum hoje amplamente difundido, dizem pura e simplesmente que "a família está em crise!" Com efeito, se nos guiarmos pelas pesquisas realizadas junto à opinião pública, esta idéia é a predominante.

Frente a semelhante quadro, cabe perguntar quais os parâmetros que levam a concluir que a família esteja efetivamente em crise? E se há crise, onde precisamente se localiza: no âmbito familiar como um todo ou em determinados modelos a partir dos quais tentar-se-ia enquadrar todos os demais?

Evidentemente, no bojo das profundas e rápidas transformações por que passou e passa a sociedade brasileira, em especial nas últimas décadas, marcadas pelo aprofundamento de uma pauperização crescente, a esfera familiar não está isenta de alterações. Todavia, mudança não necessariamente é sinônimo de desintegração, desagregação, crise, etc.

Travessia, no presente número, teve como preocupação de fundo apresentar um leque de contribuições (às quais outras poderiam ser aduzidas) que pudessem, em primeiro lugar, desfazer alguns equívocos que não poucas vezes permeiam o senso comum quando se trata do

tema em questão. Com isso, pretende-se aproximar o leitor da realidade que cerca o universo familiar brasileiro, em suas diferenciadas circunstâncias.

Nesta perspectiva, destaque particular mereceu a família das classes subalternas que, embora constitutivas da imensa maioria de nossa população, sempre estiveram marginalizadas e frequentemente forçadas a seguidas e dramáticas etapas migratórias. E mais: contra ela forjou-se um padrão familiar inspirado nas classes dominantes da zona rural e/ou nas classes médias urbanas — ambas a distância quilométrica dos padrões da família popular.



Foto: Monica Lucia da Silva